CÂMARA DOS DEPUTADOS

ALMINO AFFONSO
Deputado Federal

FRANCO MONTORO: ELOGIO DO HOMEM PÚBLICO

BRASÍLIA – 1996

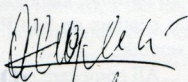
CÂMARA DOS DEPUTADOS

FRANCO MONTORO:
Elogio do homem público

Discurso proferido pelo Deputado Almino Affonso na Sessão Solene do dia 17-7-96, em homenagem ao Deputado Franco Montoro.

Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Publicação
BRASÍLIA – DF

CÂMARA DOS DEPUTADOS
50ª Legislatura – 2ª Sessão Legislativa
SÉRIE
SEPARATAS DE DISCURSOS, PARECERES E PROJETOS
Nº 70/96

Defiro; publique-se.
Em 04.7.96

Presidente

CE/GAB/157/96

Exmo. Sr.
Deputado Luis Eduardo Magalhães
DD. Presidente da Câmara dos Deputados
Brasília - DF

Deputado Luís Eduardo Magalhães

Senhor Presidente:

Com fundamento no Regimento Interno, art. 68, parágrafo único, vimos à presença de V.Exa. requerer seja realizada, no próximo dia 10 do corrente mês, à hora do Grande Expediente. Sessão Solene em homenagem ao Deputado Franco Montoro, ao ensejo de seu aniversário natalício, quando completa 80 anos de uma vida consagrada aos interesses nacionais.

Com efeito, é longa a trajetória de homem público que Franco Montoro, com admirável grandeza, vem cumprindo, no Estado de São Paulo - como Vereador à Câmara Municipal, Deputado Estadual e Governador do Estado; e no âmbito nacional, como Deputado Federal, Senador da República e Ministro do Trabalho e da Previdência Social, caracterizando-se sempre como um combatente da causa democrática e um incansável defensor dos direitos sociais.

No exercício de sua vida pública, afora a liderança política que alcançou e que o projeta entre as maiores personalidades do pais, Franco Montoro tem a marca da honradez, é exemplo para as gerações vindouras e simbolo de dignidade política que engrandece o Parlamento Nacional e nos faz crer no amanhã da Pátria.

Pelo exposto, seguros de que V.Exa. se associará a essa homenagem por todos os títulos justa, aguardamos a decisão que acolha o presente requerimento.

Brasília (DF), 04 de julho de 1996.

DEPUTADO ALMINO AFFONSO

Deputado Michel Themer

Deputada Sandra Starling — PT-MG

Deputado Ubiratan Aguiar

Deputado Inocêncio de Oliveira

FRANCO MONTORO: ELOGIO DO HOMEM PÚBLICO

Exmo. Sr. Presidente desta Sessão Solene, Deputado Ronaldo Perim; Exmo. Sr. Deputado Franco Montoro, a quem esta Casa hoje presta especialíssima homenagem; Exma. Sra. Lucy Franco Montoro, que todos nós que atuamos na vida pública aprendemos a respeitá-la e a admirá-la; Exmos. Srs. Ministros de Estado; Sras. e Srs. Deputados; Srs. Senadores; Srs. Embaixadores; Minhas Senhoras e Meus Senhores.

A Câmara dos Deputados, reunida em Sessão Solene, presta ao eminente Deputado Franco Montoro as homenagens de sua profunda admiração e justificado respeito. Na verdade, ao evocar-lhe a juventude de seus oitenta anos, os parlamentares festejam a alegria de seu natalício, mas, sobretudo, celebram-lhe a vida pública que, por muitos títulos, engrandece a própria história desta Casa.

É tarefa desmedida, portanto, a saudação que me cabe fazer-lhe, em nome de meus nobres colegas. Pois, a rigor, devo reportar-me a quase meio século de atividades políticas, que remontam a 1950, quando pela primeira vez André Franco Montoro elegeu-se Vereador à Câmara Municipal de São Paulo, pela legenda do Partido Democrata Cristão.

Guardo dessa época a lembrança mais antiga do homenageado. A questão do divórcio, desbordando dos debates parlamentares, já então sacudia os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. O Centro Acadêmico XI de Agosto convidara o Deputado Federal Nelson Carneiro, que vinha se projetando como líder divorcista, para pronunciar uma conferência sobre o controvertido tema. Os que se opunham a essa proposição, liderados por Plinio de Arruda Sampaio, Chopin Tavares de Lima e Darcy Passos, apressaram-se em convidar

o Vereador Franco Montoro, para enfrentar o grande tribuno baiano. A "Sala do Estudante" foi pequena para tantos que acorreram ao memorável debate. A assistência transbordou para o pátio das "Arcadas" e, ao término, cada grupo com o seu líder aos ombros, saímos pelas ruas centrais de São Paulo, num admirável confronto de idéias e de juventude.

Ali começara uma longa caminhada. O homem de luta e de princípios, logo mais submeteu-se ao primeiro teste: considerando que, na eleição para a presidência da Câmara Municipal, verificara-se tráfico de votos, num gesto de altivez política, renunciou o mandato de Vereador em 1952.

A correnteza de seu destino, entretanto, era mais forte: elegeu-se Deputado Estadual, em 1955, tendo sido guindado, em seguida, a Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo. Em 1959, toma posse como Deputado Federal, no velho Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro. Recordo a criatividade de seus discursos, sustentando a tese da democracia cristã como "terceira via", vale dizer como alternativa entre o capitalismo e o comunismo. Crescia a mensagem democrata cristã na América Latina, irradiada, sobretudo, do Chile com Eduardo Frei; e da Venezuela com Rafael Caldera, ambos futuros presidentes da república de seus respectivos países. Também eu me elegera, nas eleições de 1958, Deputado Federal pelo Amazonas. A distância ideológica entre nós, nessa fase que vai longe, era grande. Mas a seriedade com que professava a sua doutrina política, a conduta retilínea e a cultura que revelava em qualquer debate, ligaram-me a ele por laços de admiração e de respeito, que nunca se romperam.

No bojo da crise institucional, resultante da renúncia do Presidente Jânio Quadros, instalara-se no País, como sistema de governo, o parlamentarismo, tendo como Primeiro-Ministro Tancredo Neves. Era Presidente da República, com poderes que não se limitavam aos clássicos de Chefe de Estado, João Goulart; eu fora eleito líder do PTB na Câmara dos Deputados, por livre votação da bancada trabalhista; e Franco Montoro, em representação do PDC, integrava o governo de coalizão nacional como Ministro do Trabalho e da Previdência Social. Pude então, pelo intercâmbio de idéias a que nos conduzia o exercício de nossos cargos, conhecer melhor os alcances de sua visão política e social.

Reeleitos ambos, em 1962, a Deputados Federais, vimos de perto a crise econômica e social avolumar-se e, incontornada, levar o País à ruptura da ordem constitucional em 1964. Deu-se aí a diáspora. A mim me coube doze anos no exílio; a Franco Montoro, a tarefa paciente, porém firme, de ir montando as bases da resistência democrática ao regime autoritário, ao lado de tantas outras figuras – cuja grandeza a história guardará para sempre – dentre as quais destaco, como síntese, Ulysses Guimarães. Em 1971, eleito Senador da República, Franco Montoro cresce como líder da Oposição e articulador nacional do MDB – a maior frente política e social da nossa história –, contribuindo de maneira decisiva, sem lugar a dúvidas, para a extraordinária vitória de 1974.

Nas eleições de 1978, reelege-se Senador; e em 1983, nas primeiras eleições diretas majoritárias, é consagrado nas urnas Governador do Estado de São Paulo, com 5.441.583 votos, mais do dobro do que obtivera o principal concorrente. Como candidato ao Senado da República, em uma das sublegendas do PMDB, acompanhei-o nessa memorável jornada, admirando a força de sua oratória em praça pública – simples, direta, contundente, buscando sempre os temas que dizem respeito às classes mais humildes; como um professor – embora tocado pelo entusiasmo; como um analista, esgrimindo a dialética, embora invariavelmente marcada pelo otimismo.

Tive a honra de integrar seu Governo, como Secretário de Estado dos Negócios Metropolitanos, participando de uma equipe de homens públicos e de técnicos da maior grandeza. Feita exceção de meu nome, é de justiça lembrar algumas das personalidades que compuseram o Governo Montoro e que, na realidade, mais pareciam Ministros de Estado, a exemplo de Mário Covas, Paulo de Tarso Santos, José Serra, Clóvis Carvalho, João Leiva, Paulo Renato de Souza, João Sayad, Bresser Pereira, José Carlos Dias, Almir Pazzianotto, Michel Temer, José Goldemberg, Miguel Reale Jr, Jorge Cunha Lima, Adriano Branco, Eugênio Montoro, José Aristodemo Pinotti, Lauro Ferraz, José Gregory, Chopin Tavares de Lima, João Yunes, Antonio Angarita, Roberto Gusmão. É preciso ser grande para saber cercar-se de figuras fortes. Até mesmo porque, como nos ensina Maquiavel: "há uma regra infalível: o príncipe que não é sábio não pode ser aconselhado".[1]

Não sei o que destacar-lhe com maior ênfase, do exercício do cargo de Governador do Estado: se o administrador que realizou obra notável, em todas as dimensões; se a probidade com que geriu os negócios públicos; se a liderança política, cujo papel de articulador nacional, a um só tempo audaz e prudente, contribuindo de modo inequívoco para a redemocratização do País, ainda está por revelar-se em toda a sua plenitude.

De todo modo, não posso omitir meu testemunho sobre alguns aspectos que diferenciam a sua administração e acentuam o traço democrático de sua personalidade. Ressalto, desde logo, o respeito à autonomia dos Secretários de Estado, que o Governador Franco Montoro timbrava em preservar, assegurando a cada um deles a criatividade, o engenho e a arte. Dou-lhes meu depoimento: à frente da Secretaria de Estado dos Negócios Metropolitanos, que se incumbia da construção da linha leste do Metrô – a maior obra que então se realizava no País –, não recebi nunca, nenhuma vez, "uma ordem categórica", por que tudo fluía em termos de recomendações gerais que me cabia traduzir em prática administrativa.

Além das diretrizes básicas, que emanavam do programa de governo, a administração era articulada através de reuniões quinzenais dos Conselhos Diretivos, integrados pelos Secretários de Estado conforme a área de atividades correlatas, o que permitia um trabalho mais integrado e uma supervisão permanente do Governador Montoro. Mas, ainda nessa instância, os problemas afloravam através da exposição de cada Secretário de Estado, amadurecendo pelo debate as soluções comuns, ao fim convalidadas pelo Governador no exercício de suas prerrogativas.

De tudo, porém, o mais inovador do Governo Montoro foi a "descentralização" como prática da Administração Pública. Fizera parte de seu programa na campanha eleitoral; e foi cumprida à risca. Tudo quanto foi possível realizar através do Município, assim foi feito, em convênio com o Estado. As "parcerias" multiplicaram-se às centenas, somando recursos financeiros e humanos, facilitando ao povo a função fiscalizadora. Na verdade, o novo método dividia o prestígio do êxito com os Prefeitos Municipais que, às vezes, dele se assenhoreavam por inteiro, ignorando a contribuição do Estado. Quando o alertavam para esse esbulho político, Montoro

respondia: "não importa, o fundamental é que as obras estão sendo realizadas..."

Cumpre, na íntegra, seu mandato de Governador do Estado, e preside as eleições exemplarmente. Os quatro anos seguintes, entrega-se às tarefas de organizador partidário. O PSDB ainda estava implume, e Franco Montoro, como seu presidente, dedica-se a ensinar-lhe a arte de voar. Retorna às lides intelectuais, escrevendo artigos, fazendo conferências, estudando a realidade nacional; e, participando de simpósios, reacende na alma a velha paixão pela América Latina, criando inclusive o Instituto Latino-Americano, a que passa a presidir com afinco e sabedoria.

Depois, em 1990, volta a disputar a eleição para o Senado Federal. As urnas, no entanto, pela primeira vez em sua admirável carreira política, negam-lhe os votos: Franco Montoro saboreia, então, o gosto amargo da derrota. Mas a esse combatente de mil vitórias, o tempo, sem mais delongas, devolve-lhe o laurel e em 1994 – atendendo a um apelo caloroso dos militantes do PSDB – volta à liça, trava o bom combate e vence, reassumindo, com a sabedoria temperada pela madura experiência política, o mandato de Deputado Federal.

Ouço com prazer aparte do Deputado Arthur Virgílio.

Arthur Virgílio – V. Exª, brilhante como sempre, homenageia o homem público que mais me enternece neste País, a figura de todas, a mais completa, e não é pobre a nossa vida pública na quadra presente. Gostaria de puxar um pouco a discussão para o Franco Montoro de hoje. Um Montoro que abriu seu gabinete para a recente negociação em torno da greve dos petroleiros, algo natural, ele não ofereceu, ninguém lhe pediu, mas foi natural que para lá acorressem as partes contrárias para buscar uma saída que fosse a mais democrática e a mais plausível dentro da elasticidade dos pontos de vista em jogo. Vital para que se escolhesse – aí refiro-me basicamente ao meu Partido – José Serra, candidato a Prefeito de São Paulo. Vital para que tivéssemos uma formatação nova, moderna, jovem como Franco Montoro, da nossa convenção, que seria mais uma convenção comum, corriqueira, de queixas, queixumes e discussões do lugar-comum, da vala comum. Ele a transformou em uma convenção temática, discutindo emprego e desemprego. V. Exª está de parabéns pela iniciativa brilhante e oportuna da homenagem. Não sei se V. Exª e eu, que estaremos, com certeza,

muito vivos no ano 2006, estaremos na Câmara. Essa é a única dúvida que tenho, mas estou certo de que alguém na Câmara dos Deputados, daqui a dez anos, homenageará Franco Montoro pelos seus 90 anos. Muito obrigado. (Palmas.)

José Genoíno – Deputado Almino Affonso, peço um aparte.

ALMINO AFFONSO – O Deputado Arthur Virgílio faz justiça ao eminente homenageado com sua intervenção mais do que oportuna.

Da longa trajetória política, cuja tarefa de sumariar venho intentando, ressalta desde logo o compromisso de Franco Montoro com a causa democrática. É rever-lhe os discursos pronunciados no Senado Federal, entre 1971 e 1983, no auge do regime autoritário, criticando-lhe as instituições, denunciando-lhe o obscurantismo, escalpelando-lhe os pretensos êxitos na política social. Com a elegância que lhe é peculiar, enfrentava as maiores lideranças da Arena – Virgílio Távora, Jarbas Passarinho, Eurico Rezende –, que não raro se viam na contingência de ouvi-lo e calar. Tudo era tema, desde que fosse ponte para sustentar a tese da redemocratização do País, imperativo do qual não se afastava, não obstante o risco da degola de seu próprio mandato, com que o regime militar tentava amedrontar os líderes da Oposição.

Certa vez, o Senador Franco Montoro assomou à tribuna para falar sobre "O fim e os meios em política, na lição de Maritain". Nada mais descabido, na primeira impressão de todos. Era o professor de Introdução à Ciência do Direito que, por engano, tomava a palavra? Era o mestre de Filosofia do Direito que, por instantes, trocava a cátedra da Universidade de Brasília pela tribuna do Senado? À margem o espanto de muitos, Franco Montoro discorreu sobre o tema. As lições do grande pensador eram chicotadas no regime autoritário que, em nome da segurança nacional, pisoteava as liberdades públicas, os direitos individuais e sociais. E Montoro, ao mesmo tempo em que citava Jacques Maritain, ia ensinando e vergastando: "A democracia é o único caminho por onde passam as energias progressivas na história humana". Ou então, como se fosse um recado com endereço certo: "O fim para a democracia é a justiça e a liberdade. O emprego de meios incompatíveis com a justiça e a liberdade seria, para qualquer democracia, uma operação de autodestruição". (2)

O nobre Deputado José Genoíno honra-me com seu aparte.

José Genoíno – Serei breve e faço um aparte ao discurso de V. Exª exatamente por ser V. Exª quem está falando neste momento. Os seres humanos quando fazem política levam em conta algumas virtudes: a virtude da unidade política e da gratidão. E como militante político de São Paulo, não poderia deixar de participar desta homenagem ao Governador, ao Deputado, ao Senador Franco Montoro. Há dois momentos marcantes que eu queria registrar. Primeiro, na luta pela democratização do País. Como integrante daquele movimento, ora como vítima ora como sujeito político, não posso deixar de registrar a postura corajosa, digna do então Senador Franco Montoro naqueles momentos duros e difíceis que o País atravessou. Em um segundo momento, a tolerância democrática do Governador Franco Montoro, que não foi entendida pela opinião pública, quando, inclusive, participamos de uma manifestação, quando S. Exª era o Governador e aquela sua atitude de tolerância no Palácio dos Bandeirantes foi entendida como um mau Governo. E a experiência mostrou que a tolerância de V. Exª foi uma virtude que caracterizou o seu Governo na relação com a sociedade, numa relação democrática e transparente. São Paulo orgulhou-se de um Governo democrático, tolerante, ético e justo. Como Deputado de São Paulo e, naquele momento, fazendo críticas e oposições ao Governador Franco Montoro, não poderia deixar de fazer este registro. Registro, também, Deputado Almino Affonso, quando em Leme, ao ser atingido pela Polícia Militar, dirigida pelo então Governador Franco Montoro, assisti ao contato direto do Governador com o seu Secretário de Segurança e a postura democrática desse homem político para enfrentar situações delicadas como aquela. Portanto, é uma obrigação minha, é uma gratidão com a democracia, com o povo de São Paulo e com o povo brasileiro registrar estes fatos no discurso de V. Exª, nesta justa homenagem da Câmara dos Deputados ao ilustre Deputado do Brasil Franco Montoro. Muito obrigado. (Palmas.)

ALMINO AFFONSO – O aparte de V. Exª, Deputado José Genoíno, enriquece o meu discurso.

Prossigo, Sr. Presidente. Alguns discursos mais fecundos de Franco Montoro, no Senado onde a forma se entrelaça à seriedade do estudo, estão enfeixados na obra: *Da* "Democracia" *que temos para a Democracia que queremos*. Vale relê-los, para aprender outra vez a

ousar. Sobretudo nesta hora em que a tribuna parlamentar parece desvalida, ignorada, em agonia letal, é importante reler os que – como Franco Montoro – tiveram a coragem de altear a voz, rompendo a mordaça do regime autoritário, e dizer as verdades que o País precisava ouvir.

O intelectual, o estudioso, o homem afeito à reflexão se confundem com o militante da política partidária. O pensamento político, em Franco Montoro, norteia-lhe a ação. Por isto não pensa em abstrato. Mesmo quando escreve sobre Filosofia do Direito, a sua visão humanista o obriga a precisar: "Os homens do Direito têm a missão insubstituível de fazer com que o desenvolvimento da sociedade se processe em termos de justiça, isto é, de contribuir para que a cada homem seja assegurado o respeito aos direitos que lhe são devidos. Por isso, a Nação entrega às Faculdades de Direito uma tarefa humanizadora, essencial ao desenvolvimento: formar juristas conscientes da realidade de seu país. E que serão, na vida nacional, os sustentáculos permanentes dos valores fundamentais da justiça e da liberdade humana".(3)

Pudéssemos todos, os homens públicos do País, ter presentes as lições de Franco Montoro! Pudessem os juristas, não raro escudados na frieza da norma jurídica, revitalizar a hermenêutica – que os guia – com as demandas sociais de nosso povo! Talvez precisássemos legislar menos, atabalhoadamente, porque a boa interpretação das leis daria resposta às exigências da cidadania.

Da presença combativa de Franco Montoro no Senado Federal, deu-nos valioso testemunho, faz poucos dias, o ilustre Presidente do Congresso Nacional – Senador José Sarney: "Recordo que na década de 70, neste plenário, avultava a figura de Franco Montoro, quase sozinho, carregando as duras lutas da Oposição. Era um tempo em que o Brasil vivia uma onda de otimismo, em que a inflação estava baixa, em que se dizia que estávamos vivendo um grande milagre. Franco Montoro, de sua poltrona, levantava as contradições da vida nacional. Levantou as teses que foram capazes de incendiar os corações e despertar as paixões, de conjugar os sentimentos de tal modo que o PMDB, cuja dissolução já se pregava, de repente, surgia como um partido ao qual estava destinado o poder neste País. E foi Franco Montoro, sem dúvida, quem colocou esta opção no momento de absoluto desânimo de seus correligionários". (4)

Não fora menos significativo o depoimento de Tristão de Athay-

de, uma das figuras mais altas da intelectualidade brasileira, em seu prefácio à obra de Franco Montoro – *A alternativa comunitária: Um caminho para o Brasil,* editado em 1982: "Franco Montoro é, sem dúvida, uma das personalidades que no momento melhor encarna a luta pela democracia entre nós. Não tem os defeitos do doutrinário puro, nem os do puro político de ação. É uma coisa e outra simultaneamente, fato tão raro entre nós. É dos poucos homens públicos brasileiros que pautam a sua ação política por um corpo de princípios definidos, sejam ou não do nosso agrado pessoal". (5)

Com essa conduta, misto de firmeza e de tolerância, Franco Montoro vai aos poucos assumindo a liderança efetiva das oposições, embora partilhando-a com Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luiz Inácio Lula da Silva. Mas os seus passos – é hora de reconhecer – abrem os caminhos definitivos da redemocratização. Foi assim em Poços de Caldas, em Minas Gerais, em 19 de novembro de 1983, quando em declaração conjunta com Tancredo Neves, traçou a estratégia da abertura democrática, cujo texto, pela sua significação histórica, é indispensável ser transcrito:

> "Os Governadores de São Paulo e de Minas Gerais, reunidos em Poços de Caldas, estabeleceram os seguintes pontos para uma ação conjunta:
>
> 1 – Empenhar-se, juntamente com os governadores de todos os Estados, numa campanha nacional pela eleição direta do Presidente da República.
>
> 2 – Propor que se engajem nessa campanha, além dos governadores, os congressistas, deputados estaduais, prefeitos, vereadores e representantes dos diferentes setores da sociedade civil.
>
> 3 – A campanha pela eleição direta do Presidente da República deve ter caráter suprapartidário e representar ampla mobilização nacional, com a participação dos partidos e de toda a população do País.
>
> 4 – Não se deve cogitar, por enquanto, de candidatos à Presidência da República, para não enfraquecer a luta pela eleição direta. Todas as forças devem ser concentradas na campanha pelo reconhecimento do direito que o povo brasileiro tem de ser ouvido." (6)

Dias depois, precisamente a 26 de novembro de 1983, convidados por Franco Montoro, reuniram-se no Palácio dos Bandeirantes os governadores Gerson Camata – do Espírito Santo, Gilberto Mestrinho – do Amazonas, Iris Rezende – de Goiás, Jader Barbalho – do Pará, José Richa – do Paraná, Leonel Brizola – do Rio de Janeiro, Tancredo Neves – de Minas Gerais, Wilson Barbosa Martins – de Mato Grosso. Ao fim do encontro, por todos os títulos memorável, divulgaram um manifesto encabeçado pelo Governador Franco Montoro, cujo fecho categórico soava como um grito de guerra: "A Nação tem o direito de ser ouvida".

Nada mais parecia ter forças de deter o caudal em marcha. Sobretudo a partir de 25 de janeiro de 1984, quando em São Paulo, na Praça da Sé, centenas de milhares de cidadãos – de todas as tendências partidárias –, reunidos num comício sem precedentes, clamaram com a voz poderosa de um vendaval: *Diretas-já!* Não sem razão o Governador Franco Montoro, com o entusiasmo dos que crêem no amanhã, arrematou o seu discurso com essa visão histórica: "Perguntam-me se há aqui 300 ou 400 mil pessoas. Aqui na Praça da Sé estão presentes 130 milhões de brasileiros!"

Tive o privilégio de viver, em momentos que ficaram na história, o fascínio das massas em praça pública. Vi as multidões duelando, numa alternância de comícios cada vez maiores, no confronto eleitoral de Radomiro Tomic e Salvador Allende, em Santiago do Chile, na Campanha de 1970. Vi em Buenos Aires, atendendo ao apelo de Perón, o povo – a começo, fracionado em milhares de cidadãos – tomar de assalto a Praça Rosada e anular-lhe o espaço como por encanto.

Foram emoções que guardei para sempre. Mas que dizer, que ao menos de leve traduza o significado, a um só tempo, mágico e histórico, daquele comício que se avolumava mais e mais, como se o povo brotasse das entranhas da terra?

No palanque se apinhavam as maiores lideranças democráticas do País: Governador Franco Montoro, Deputado Ulysses Guimarães, Governador Tancredo Neves, Governador Leonel Brizola, Deputado Miguel Arraes, Governador José Richa, parlamentares os mais ilustres, sem esquecer lideranças sociais, artistas e jornalistas. Atrás, erguia-se a Catedral da Sé a testemunhar, no cinzento de seu granito, quase três quartos de século de história. Lá no fundo, até onde o povo

se alongava, sabia-se que o Pátio do Colégio, em silêncio, guardava 430 anos de São Paulo, desde que suas sementes foram plantadas pelas mãos de Nóbrega e de Anchieta.

Na verdade, era a presença da história que ali estava para comprovar que, apesar de todas as descrenças, o povo podia pôr abaixo o regime militar. Até onde o olhar alcançava, vencendo os holofotes que ofuscavam, até lá o povo se impunha, senhor absoluto de todos os espaços. A rigor, a Praça da Sé e a Praça Clóvis Beviláqua reduziram-se a uma só, unificadas pela multidão. E pelos seus costados, rua a rua, o povo afluía, como rios que chegassem à embocadura... Na essência, não há outra imagem a que eu possa recorrer: era um mar humano, em ondas que se encrespavam e aos poucos remanseavam, enquanto as bandeiras, numa festa de cores, sacudidas aos milhares, pareciam velas panejando!

Hélio Bicudo – Permita-me V. Exª um aparte?

ALMINO AFFONSO – Com muita honra.

Hélio Bicudo – Sr. Presidente, meu caro amigo e eminente Deputado Franco Montoro, conheci-o nas campanhas democráticas no final da década de 50, quando Antônio Queiroz Filho, dentre outros, participou da fundação do Partido Democrata Cristão. Teve atuação relevante quando após a renúncia de Jânio Quadros conseguiu-se manter o País nos caminhos da democracia. Isso se deve em grande parte à atuação de Franco Montoro. Primeiro, no incipiente parlamentarismo instalado como solução política; depois, no retorno ao presidencialismo. Como Ministro do Trabalho, Franco Montoro trouxe concretas vitórias à classe trabalhadora. Muito do que se pensava concretizou-se na gestão de Franco Montoro. Mais tarde, no PMDB, como representante de São Paulo no Senado, foi o único Senador paulista a erguer voz em defesa do trabalho que se realizava em São Paulo pela extinção do esquadrão da morte. Note-se que não se tratava apenas de uma luta contra um esquadrão da morte, mas contra importante órgão de segurança do Estado, em pleno regime democrático. Foi a voz de Franco Montoro que se ergueu em nome dos direitos das pessoas e da humanidade. Hoje, aos 80 anos, Franco Montoro é para mim o mesmo homem dos anos 40 e 50, nesta luta de todos os dias pela implantação de um sistema político em que a paz seja o fruto

da justiça. Agradeço ao Deputado Almino Affonso a permissão de minha intervenção em seu brilhante discurso. (Palmas.)

ALMINO AFFONSO – V. Exª me honrou muito.

Concedo um aparte ao Deputado José Pinotti.

José Pinotti – Agradeço a V. Exª a oportunidade de aparteá-lo. Fiquei num grande conflito durante alguns minutos entre continuar saboreando o brilhantismo de suas palavras e ter a impertinência de interrompê-lo com um aparte. Decidi fazê-lo porque quero dar um testemunho vivo sobre Franco Montoro administrador, porque durante o Governo de Franco Montoro fui Reitor da Universidade de Campinas e em seguida seu Secretário de Educação. Como Reitor da Universidade de Campinas respondia diretamente a Franco Montoro. Conseguimos terminar a construção do campus, que significou 114% a mais de obras com recursos do Governo do Estado de São Paulo, e institucionalizar a universidade e dar a ela as bases que fazem a Unicamp hoje a universidade mais moderna do mundo. Isto é obra do administrador Franco Montoro.

Como seu Secretário de Educação, no último ano de Governo, nesses anos que não se faz nada, implantamos, com todo o apoio e entusiasmo do Governador Franco Montoro o maior programa de crianças pobres em tempo integral nas escolas públicas na América Latina. Franco Montoro colocou 500 mil crianças naquele Estado, quando o programa do Rio, iluminado pela imprensa, colocou 42 mil crianças.

Talvez eu fale sobre um defeito de Franco Montoro, que é ser excessivamente modesto e não ter a preocupação de iluminar suas obras administrativas com os holofotes que a maioria de nós consegue, sabe ou se preocupa em fazê-lo.

Eu não poderia deixar de dar este testemunho porque, acima de tudo, para mim um político é aquele que permite fazer os outros crescerem, aquele que abre caminhos, aquele que sonha e faz realizar. Para mim Franco Montoro é tudo isso. (Palmas.)

ALMINO AFFONSO – Obrigado, nobre Deputado José Pinotti. Como vê V. Exª Deputado Franco Montoro, de todos os lados as vozes são iguais. Referem-se a tempos diversos, mas as recordações se unificam em homenagens a V. Exª.

Permita-me, Sr. Presidente, que eu me detenha um pouco mais

na recordação que, na verdade, tem a força de um depoimento, sobre a construção daquele grande comício de 25 de janeiro de 1984.

Multiplicava-se, a cada dia, ao nível das lideranças políticas, o confronto com o regime autoritário. Mas o povo, a grande alavanca da história, esse ainda não se movera de modo decisivo. Em Curitiba se intentara, sob a liderança do Governador José Richa, um ato público em defesa da eleição presidencial, livre e direta. Mas o evento, embora tivesse o significado de uma centelha, dera-se no espaço limitado de um salão de teatro. Mesmo em São Paulo, por convocação do PT, o povo reunira-se num comício na Praça Charles Müller, para exigir, em nome das liberdades públicas, a reimplantação das instituições democráticas. Porém esse marco cronológico, pela exígua presença de alguns milhares de cidadãos, não teve a força de sacudir a sociedade.

À semelhança do que ocorrera antes com a campanha pela Assembléia Constituinte, a alma do povo parecia não ressoar a convocatória das eleições diretas. Nesse clima, a convite do Governador Franco Montoro, estávamos reunidos no Palácio dos Bandeirantes, num almoço de confraternização com prefeitos e vereadores da Região Metropolitana. Não relembro, com precisão, a data; mas era nos dias que antecedem, num clima de festa, a celebração do Natal. Ao discursar, Montoro – numa eloqüência fogosa – verberou o regime autoritário e convocou as lideranças municipais à luta pela redemocratização, inclusive recolhendo pelo Estado afora assinaturas de apoio ao manifesto dos governadores. De repente, uma voz interrompeu-lhe a palavra – era o Prefeito de Itapevi, Prof. Silas de Oliveira que, de imediato propôs que se realizasse um grande comício, no dia 25 de janeiro, como arrancada popular pelas *Diretas-já*.

Foi como faísca em palha seca. O Governador Franco Montoro, desde logo, incorporou a proposta à sua agenda. Mas, é importante que se confesse: não foram poucas as vozes da descrença. Na opinião de muitos, sobretudo entre as lideranças políticas, o povo – mergulhado na apatia – não assumiria as bandeiras da campanha; mais preocupados com os problemas sociais que eram agudos, os trabalhadores não teriam olhos de ver as questões institucionais; a própria data, que evoca a fundação da cidade de São Paulo, era desaconselhável, pois induzia ao lazer, levando a pretendida concentração ao desastre.

Nada, entretanto, abalou essa vontade de ferro, que é um dos traços mais fortes da personalidade de Franco Montoro e que lhe permite, não raro, que ouse romper caminhos novos onde outros só entrevêem muralhas incontornáveis.

Ninguém esquecerá, por muito que viva, a emoção que arrebatou a multidão. Até mesmo porque, naquela noite, cada um de nós aprendeu que o povo, na sua percepção divinatória, estava muito à frente dos líderes políticos. Não desmereço a sabedoria de tantos, sem os quais o regime autoritário teria se renovado e se consolidado ainda por algum tempo. Mas, nesse episódio – o comício da Praça da Sé – que dá início à grande marcha democrática, quem esteve colado à alma do povo foi Franco Montoro.

A partir desse comício histórico, o País incendeia-se. A rigor, reeditou-se a campanha civilista de Rui Barbosa. Assumindo as duas frentes de luta – a articulação silenciosa nos bastidores; a batalha das ruas, inflamando multidões – Franco Montoro cumpriu um papel inexcedível. Quando a Emenda Dante de Oliveira, derrotada no Parlamento, levou a muitos de nós ao desânimo, ele soube recriar a tática política e passou a defender, com enorme audácia, a participação das oposições no Colégio Eleitoral, não mais como um protesto que Ulysses Guimarães liderara no episódio da "anticandidatura", mas com a coragem de quem abre picadas e abrevia as distâncias.

Mais uma vez cabe a ele o comando político: convoca um encontro de governadores no Palácio Bandeirantes e sustenta, com um desprendimento próprio de estadista, a candidatura de Tancredo Neves. Desnecessário dizer o quanto lhe cabia a honra de ser o indicado, pelos seus títulos que eram muitos, pela grandeza de São Paulo. Mas ele soube sufocar a aspiração que, legitimamente, lhe brotasse na alma e contribuiu, de modo inequívoco, para cimentar a aliança com a Frente Liberal, dissidência do PSD que se formara graças à intervenção de Aureliano Chaves, Vice-Presidente da República, e Marco Maciel, ex-Governador de Pernambuco. Registro a altaneria de Franco Montoro e lhe digo, à semelhança de Joaquim Nabuco em carta a Rui Barbosa: só os que são grandes podem dar de si sem se despojar.

Outra característica da vida pública do eminente Deputado Franco Montoro tem sido, desde sempre, sua dedicação à questão social. No exercício do mandato de Vereador à Câmara Municipal de São

Paulo, tão fugaz como já deixei assinalado, apresentara projeto de lei municipal estabelecendo o horário do comerciário, proibindo o comércio noturno. Como Deputado Federal, logrou aprovar projeto de lei de sua autoria que isentou o pagamento do Imposto de Renda para o empregado, chefe de família, que recebesse até cinco salários mínimos. Tão logo assumiu o Ministério do Trabalho e da Previdência Social, enviou ao Parlamento projeto de lei que instituía salário-família, por fim aprovado e sancionado pelo Presidente João Goulart. Apesar das limitações legais, passou a estimular a organização sindical dos trabalhadores do campo, que, em seguida, ganhariam impulso definitivo com a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963, e a combatividade das Ligas Camponesas.

Chama atenção o empenho com que sempre, como legislador ou no exercício de cargos executivos, abriu espaço para a participação social, num desdobramento claro de sua visão favorável à democracia participativa. Alguns exemplos, colhidos ao acaso em toda a sua vida pública, reforçam a tese que ele tem sustentado em várias de suas obras: Projeto de Lei nº 102/81, que inclui um representante da CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – na Comissão Nacional do Álcool; já em 1980, apresentara projeto de lei estabelecendo a participação dos empregados e empresários na administração da Previdência Social, proposição essa que voltou a formular, com redobrado entusiasmo, ao retornar à Câmara dos Deputados na presente legislatura.

Na campanha eleitoral de 1982, quando se elegeu Governador de São Paulo, um dos temas fundamentais de seu programa era, precisamente, *participação social,* como um conduto institucionalizado que assegure aos servidores públicos o direito de intervir na administração do Estado ou aos cidadãos, sobretudo dos setores tradicionalmente marginalizados, o direito de acesso aos centros decisórios.

Dentre tantas medidas que, direta ou indiretamente, atendiam a essa visão de democracia participativa, destaco três de inegável significado histórico: Conselho de Estado da Condição Feminina, instituído em 1983; Conselho de Estado da Comunidade Negra, criado em 1984; e a Delegacia da Mulher, organizada em 1985, sob o comando do ilustre Deputado Michel Temer, àquela época Secretário de Segurança do Estado, cujos alcances sociais e políticos deram à

cidadania feminina a dimensão que antes, pelos abusos e preconceitos, a sociedade não lhe assegurava.

Não se imagine que as medidas que evoco, bem como tantas outras que marcaram o Governo Franco Montoro, nasceram da improvisação eleitoral. Nas várias obras de análise política, à luz dos ensinamentos de cientistas renomados, Montoro – a um só tempo homem público e intelectual – demonstra que a democracia representativa requer, com urgência, a inserção direta do homem, como agente da história, em suas instituições.

Inocêncio Oliveira – V. Exª me permite um aparte?

ALMINO AFFONSO – Sentir-me-ei honrado com o aparte de V. Exª.

Inocêncio Oliveira – Meu caro Deputado Almino Affonso, há muito tempo tentava levantar-me para pedir este aparte, mas não conseguia. Por quê ? Porque V. Exª, com seu brilhantismo, com a sua oratória, traçava um perfil tão bonito e tão marcante da vida de um homem que eu estava embevecido diante de cada faceta da sua atuação. E me propus agora a fazer algumas considerações. Acredito que pouco teria a acrescentar sobre o Vereador, o Deputado Estadual, o Deputado Federal, o Senador, o Ministro, sobre esse homem que, em todas as atividades que desenvolveu, sempre se saiu airosamente. Mas, eu queria acrescentar algumas facetas: a primeira é a do político que extrapolou as fronteiras do Brasil, que lutou e conseguiu introduzir um dispositivo na Carta Magna do País que permitiu a formação do Parlamento Latino-Americano, o qual poderá, sem dúvida, formar uma comunidade latino-americana para defender interesses comuns. Esse talvez seja o sonho da vida de Montoro. Em reiteradas oportunidades observei que ele tem mantido um apego, uma dedicação, um amor ao Parlamento Latino-Americano, e à sua idéia de formação de uma comunidade latino-americana, para defender interesses comuns desses países. A segunda faceta é a do grande humanista, do homem que pensa sempre nos outros, do homem que sempre quer resolver os problemas sociais deste País. A terceira faceta é a do homem de idéias, do homem criativo e, mais do que isso, formador de líderes e de grandes homens públicos. Montoro soube escolher os seus auxiliares, jovens que, hoje, dão uma contribuição importante à vida desta Na-

ção. Mas vou encerrar, Deputado Almino Affonso, pois não vou impedir que V. Exª deixe de deleitar esta platéia tão seleta com o seu brilhantismo. Eu queria apenas encerrar, dizendo o seguinte: Franco Montoro é pai de família, e eu queria homenagear aqui Dona Lucy e sua família, porque nós, homens públicos, muitas vezes nos esquecemos de nossa família. Eu queria citar apenas alguns trechos da mensagem de Natal que sua filha Mônica lhe dedicou em 1983, meu caro Montoro: "e uma vida toda fazendo discursos, porque tinha certeza absoluta de que, com suas idéias, poderia transformar leitos vãos em rios claros e transparentes".

Por isso, meu amigo, meu caro Montoro, é com emoção que saúdo V. Exª, como líder do Partido da Frente Liberal, que, aliás, escalou um dos seus melhores Deputados, o Sr. Paes Landim, para prestar-lhe homenagem nesta hora emocionada. Feliz de um país que tem um homem aos 80 anos de idade tão lúcido, tão cheio de idéias e com tanta vocação para continuar servindo ao País.

Muito obrigado a V. Exª. (Palmas.)

ALMINO AFFONSO – Não devo fugir à trilha de um discurso escrito. Mas o nobre Deputado Inocêncio Oliveira há de verificar à medida que eu prossiga a leitura deste texto elaborado, que S. Exª se antecipa à minha palavra. O que não é estranho, tantas são as vezes em que V. Exª se antecipa, nesta Casa, a pronunciamentos importantes.

Dizia eu que o nobre Deputado Franco Montoro não atua pela improvisação eleitoral, ele tem o lastro do pensamento político e filosófico a guiá-lo.

Ao analisar a Declaração Universal dos Direitos do Homem – de 1948, Franco Montoro, em seus "Estudos de Filosofia do Direito", assim leciona: "Ao lado das demais garantias individuais e sociais, dois direitos relativos à política social estão contidos, em suas linhas fundamentais: primeiro, o direito ao desenvolvimento que, afirmado no preâmbulo do texto de 1948, e erigido pela Assembléia das Nações Unidas em imperativo mundial para a década de 70 (a década do desenvolvimento), atingiu a plenitude de sua significação no conceito feliz da *Populorum Progressio:* "o desenvolvimento é o novo nome da paz".

Prossegue Franco Montoro: "O segundo direito, ligado ao anterior, é o que tem cada homem de *participar ativamente no processo do desenvolvimento.* Não se trata, simplesmente, de receber passivamente os benefícios do progresso, mas de *tomar parte nas decisões* e no esforço para a sua realização. Em lugar de ser tratado como *objeto* das atenções paternalistas dos detentores de poder, o homem tem o direito de ser considerado pessoa consciente e responsável, capaz de ser *sujeito* e *agente* no processo do desenvolvimento". (7)

Na sua obra *Participação: Desenvolvimento com Democracia,* Franco Montoro insiste no tema: "Participação é uma palavra-chave. Ela indica um dos caminhos mais promissores para a promoção do desenvolvimento em termos de eficiência, justiça social e democracia. Participação é um conceito teórico e uma prática social. Em ambos os sentidos, a participação marca o processo de construção da democracia moderna". (8)

Ouso dizer que aí está o cerne do pensamento político de Franco Montoro. Sem participação social, em suas diferentes modalidades, a democracia representativa resvala para a farsa. Rousseau, em sua obra clássica, já assinalava: "O povo inglês acredita ser livre mas se engana redondamente; só o é durante a eleição dos membros do Parlamento; uma vez eleitos estes, ele volta a ser escravo, não é mais nada". (9) Porque, para Franco Montoro, a participação condiciona o "processo de construção da democracia", a sua prática política – no Legislativo, como Ministro do Trabalho e da Previdência Social, como Governador de São Paulo – sempre se confundiu com a engenharia de quem estende pontes que dêem ao povo o livre acesso aos centros do poder.

São muitos os títulos de Franco Montoro, como homem público e como intelectual: professor da Universidade de São Paulo, da Universidade Católica de São Paulo e da Universidade de Brasília; conferencista sempre requestado pelas Universidades da América Latina, de Roma, Paris, Bruxelas, Washington, Fordhan e Notre-Dame; autor de inúmeras obras ¡jurídicas, sociológicas e políticas; mas tudo nele, ao fim e ao cabo, se sintetiza no homem a serviço do homem: lutando, sonhando, construindo, sofrendo, amando, como homem a serviço do homem. Nem é diferente que o vê sua filha – Mônica Montoro, a admirável poetisa cujos versos depois de tanto relê-los eu não sei o

que neles mais admirar, se a beleza da arte que os consagra, se a extrema sensibilidade do amor filial:

> "Toma lá minhas mãos,
> ó sábio corajoso!
> e saiba que meu canto fica orgulhoso,
> não por seres meu pai,
> nem por seres meu irmão;
> mas pelo respeito aos homens,
> que me deixas de lição." (10)

As homenagens que presto ao nobre Deputado Franco Montoro, por decorrência, são extensivas à sua família, sintetizada na figura admirável de Dona Lucy Montoro – esposa, mãe, companheira, cidadã de que São Paulo se orgulha como um símbolo de grandeza.

Senhor Presidente, pretendi tão-só, embora com esmero, traçar o perfil de André Franco Montoro, o parlamentar que engrandece esta Casa, o jurista, o homem público dedicado às questões do povo. Mas, esgotado o tempo que me cabia, dou-me conta de que não fui além de um simples esboço. A pobreza da palavra angustia a muitos, até mesmo aos que são grandes, sempre que se quer dizer algo que perdure. Em meu próprio caso, à inconsistência verbal agrava-se a minha insegurança de artesão que, ousando talhar a palavra, corro o risco de deformá-la.

Nesse contexto, que dizer a V. Exª, eminente Deputado Franco Montoro, que seja a essência da saudação que me honra fazer-lhe? Remontando às palavras de Rui Barbosa, pronunciadas em discurso de 1917, peço vênia para repeti-las, como se o tempo as houvesse conservado para homenagear V. Exª: "Bem-aventurados os que a si mesmos se estatuaram em atos memoráveis". (Palmas.)(11)

Deputado ALMINO AFFONSO

– CITAÇÕES –

1 – Maquiavel, *O Príncipe e Dez Cartas*. Brasília: Editora UnB, 1989. Pág. 64.

2 – Jacques Maritain, *in* Franco Montoro: Da *"Democracia" que temos para democracia que queremos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974. Pág. 67.

3 – Franco Montoro. *Estudos de Filosofia do Direito*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1981. Pág. 95.

4 – DISCURSO DE HOMENAGEM AO DEPUTADO FRANCO MONTORO. Senador José Sarney, Brasília: Subsecretaria de Taquigrafia, 10-7-96.

5 – PREFÁCIO À OBRA DE FRANCO MONTORO. Tristão de Athayde, *A alternativa comunitária: Um caminho para o Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. Pág. 7.

6 – DECLARAÇÃO DE POÇOS DE CALDAS. Leia-se em *A Batalha pela Democracia no Governo Montoro*, São Paulo: [s.e.], 1987. Pág. 47.

7 – Franco Montoro, *Estudos de Filosofia do Direito*, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1981. Pág. 180.

8 – Franco Montoro, *Participação*: *Desenvolvimento com Democracia*, São Paulo, Editora Laser Press, 1991. Pág. 9.

9 – J.J. Rousseau, *Do Contrato Social*. São Paulo: Edição Os Pensadores, pág. 108.

10 – Mônica Montoro, *Obra Poética Inédita*. [sl, se] [19--].

11 – Rui Barbosa , *Coletânea Literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3ª ed., pág.305